

Entre Saudades e Dores: Estratégias de identificação e formas de enunciação do Oeste de Minas Gerais

GILBERTO CÉZAR DE NORONHA*

Quando vejo um avião passando, um ônibus saindo daqui dá vontade de entrar dentro e sumir... ir com ele. Eu não sei por que, mas eu sinto isso desde pequeno. Porque a vida é sofrida demais aqui. Esperança que eu sinto... de que fora daqui tem uma vida diferente.

Pedro Henrique de Sousa, Abaeté, 2009.

*Lá na Serra da Saudade! Lá na Serra!
Quem na Serra da Saudade já passou?
Fui um dia junto à Deus levar minha alma lá no céu
e minha alma nunca, nunca mais voltou.
Lá na Serra da Saudade! Lá na Serra!
Onde há brisas de segredo e solidão
Eu quisera construir uma cabana pequenina
onde à noite choraria um violão.*

Hino Oficial da Serra da Saudade.

Vontade de sair – um desejo; percepção de uma vida sofrida – angústia e dor; esperança de uma vida diferente: sensações, sentimentos, emoções enunciadas na relação de um jovem com seu espaço de vivência (para além do presente e da sua dimensão individual) que ele não sabe exatamente porque sente, mas é algo que parece constituir sua própria vida “*desde pequeno*”. É o que poderíamos depreender das palavras de Pedro Henrique de Sousa.

Esses sentimentos¹ poderiam ser considerados indícios significativos das formas de se tomar consciência do oeste de Minas? Para uma resposta positiva, talvez não fosse necessário recorrer a vãs filosofias que defendam o reconhecimento da importância e das funções das emoções na constituição do homem, na busca de sua compreensão (ABBAGNANO, 2000; SCHAFTESBURY, 1999). Talvez pudéssemos mesmo ignorar as idéias já defendidas de que a vontade seja um esforço da mente e do corpo (desejo) em perseverar no próprio ser por um período indefinido, conforme acreditava Spinoza (SPINOSA, 2003; GLEIZER, 2005), ou que essa dita vontade ou desejo (de algo que se

* Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. Doutor em História Social. A apresentação deste trabalho contou com o apoio da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

¹ O termo é aqui utilizado no seu sentido mais geral pelo qual penso posso tomá-lo como sinônimo de emoção ou “qualquer estado, movimento ou condição que provoque no animal ou no homem a percepção do valor (alcance ou importância) que determinada situação”, em suas dimensões espaço-temporais ou mesmo como sinônimo de sensação entendida como “a totalidade do conhecimento sensível, todos e cada um de seus elementos”. (Cf. ABBAGNANO, 1998).

encontra ausente) tenha fundamento na deficiência, na dor, no sofrimento de uma ausência: emoções pelas quais seria possível sentir a vida, conforme considerou Schopenhauer (SCHOPENHAUER, 2005) leitor de Kant (ABBAGNANO, 1998: 317). Enfim, talvez não fosse necessário assumir um ponto de vista geral para descobrir que viver a vida, como ato e consciência, e como condição de existência, seja a tentativa de estabelecer uma relação com o espaço eivada de angústia como emoção – a única, na opinião de Heidegger – “que faz o homem compreender sua existência, seu estar no mundo” (ABBAGNANO, 1998: 321; HEIDEGGER, 2000: 247).

Impelido a viajar nos sentimentos que o oeste de Minas tem despertado naqueles que se relacionam com este espaço, ou nas emoções envolvidas na tomada de consciência nesse e desse espaço feito lugar, poderíamos considerar como significativa a recorrência de evocação de duas palavras de origem portuguesa que ainda hoje têm papel importante na enunciação desse espaço específico e que destacam dois dos inúmeros sentimentos registrados nas diversas fontes de informação analisadas. Duas sensações que dizem respeito ao estado atual de consciência de quem vive nesse espaço, suas projeções para um futuro e seu senso de pertencimento: Tantas vezes, em diversos momentos e em diferentes circunstâncias, este espaço foi representado dentre *Saudades* e *Dores*, não necessariamente nesta ordem.

A saudade “que, perene, habita os corações de toda uma população” (DORES-JORNAL, 1930: 2) constitui importante termo de designação e especificação do oeste de Minas Gerais. Quase sempre forjada na chama da esperança e no desejo de obtenção e fruição de determinados bens materiais ou simbólicos tem sido atualizada em projetos que implicam não apenas conquistas e esperanças “de uma vida diferente”, mas também perdas e abnegações de situações familiares, do que se teve que deixar ou do que se espera obter na relação com este espaço. É desde pelo menos a segunda metade do século XVIII que encontramos registros dessa sensação experimentada por colonizadores, viajantes e forasteiros que – adentrando este espaço em busca de riquezas minerais e domínio econômico, social e político – objetivaram suas impressões excitadas pelos elementos do espaço físico, como a grande serra, parte da Canastra, formação geológica hoje classificada como pertencente ao grupo Bambuí², à qual outorgaram³ o nome de Serra da Saudade.

² Classificação feita inicialmente por Eschwege em 1833. Para um resumo das revisões e classificações atuais da geologia da região ver, por exemplo (BAPTISTA, 2004: 10-18).

Esta cadeia de montanhas tornou-se importante ponto de referência para as representações do oeste de Minas. Por possibilitar a visão ampliada de grandes áreas contíguas cujo relevo contrasta com a amenidade dos campos dessa região, inspirou certos estados afetivos e disseminou-se para o reconhecimento de outros espaços como o de um dos mais jovens municípios da região. Desde 1963, época de sua emancipação, deixou de ser o distrito de Comendador Viana para assumir também o nome de Serra da Saudade. Na opinião de Waldemar de Almeida Barbosa, “talvez o topônimo mais belo do Brasil” (BARBOSA, 1995: 339). Ainda que o autor não tenha razão, o termo saudade parece propício tanto para enunciar os sentimentos inspirados pelos ares do município, em sua dimensão física, posto que dorme “protegido pela serra da Saudade” (FIÚZA, 1973), quanto sua condição social já que constitui o município menos populoso de Minas Gerais e o segundo menos povoado do Brasil (conforme dados do IBGE, 2010) com pouco mais de 800 habitantes, somando-se os da zona urbana e rural.

O termo evoca lembranças daquelas sensações de quem já teve a oportunidade de observar o oeste de Minas do cume da referida cadeia de montanhas, num dia de sol sem neblina, como aquele que deixou Dom Manoel Nunes Coelho, bispo do aterrado, “maravilhado e embevecido ante o magnífico quadro formado pela interessante variedade ora de uniformes e paralelas faixas de verde gramado, aloiradas pelas projeções luminosas do astro rei” (COELHO apud SILVA NETO: 1984: 171). Ou quem sabe numa noite de céu estrelado em época de baixa umidade, o viajante que observa como pequenas mudas plantadas na imensidão da noite, a iluminação artificial das pequenas cidades⁴: construções humanas, obra de dois séculos, espalhadas por “vinte léguas, talvez” (COELHO apud SILVA NETO: 1984: 171), que as vistas parecem alcançar, quando enfrenta a serra, entrecortada pela atual rodovia federal (BR 202). Mas por que saudade?

Em 1801, Vieira do Couto, ao passar pela região, em direção aos rios Indaiá e Abaeté, apreciando esta paisagem, julgou que a denominação Serra da Saudade⁵ parecia estar

³ Confirmando a máxima de Riobaldo Tatarana de que “nome não dá: nome recebe” (ROSA, 2001: 172).

⁴ “(...) Do alto da Serra da Saudade, de lá, à noite, podia se avistar, no horizonte, a iluminação de algumas cidades vizinhas, como São Gotardo a oeste e Campos Altos a leste” (SILVEIRA, 2008: 70).

⁵ José Joaquim da Silva, em seu tratado de Geografia utiliza o termo no plural: Serra das Saudades. Carlos Cunha Correia toma como título de seu estudo sobre a região o termo no singular. (Cf. SILVA: 1997: 43; CORREIA, 1948).

em justa conformidade com os sentimentos que a região despertava no expectador viajante que vinha de longe em busca das riquezas da região:

A amenidade da serra com sua frescura da manhã, a extensão dos horizontes, a lembrança de que por instantes íamos deixar terras povoadas, para nos embrenharmos em ermos desconhecidos, cujas asperezas, cujo mal radio ceo e outras cousas assim feias. Os nossos guias muito as amplificavam; estas idéias de mistura, umas com as outras, balroando o pensamento, fomentavam nos ânimos uma verdadeira saudade; e o nome da serra sobre a qual caminhávamos muito se ajustava ao estado em que então levávamos nossos corações (COUTO, 1904: 96).

Os rios, as matas e as fertilíssimas campinas de vastas e “saudosas solidões” (GUIMARÃES, 1833) observados do cume da Serra da Saudade “excitavam” idéias de abundância em Vieira do Couto. Abundância, muito além “das brutas pedras e os criminosos metais” (COUTO, 1904: 108-111) que procurava como tantos outros viajantes, forasteiros e desbravadores que enfrentaram antes e depois dele as grandes distâncias e o rarefeito povoamento da região. Ao mesmo tempo em que os sentimentos de seus recursos arrebatavam-no de esperança, as misérias de sua condição precária impeliam-no à ação: ameaçado pelo desconhecido e sensibilizado pela distância⁶ de seu ponto de referência seguro.

Poderíamos dizer que aqueles que deixaram registros de sua passagem por este marco “natural”, a *Serra da Saudade*, experimentavam, ao mesmo tempo, as duas dimensões evocadas pelo termo, no sentido em que encontramos nos dicionários portugueses do século XVIII: Saudade (*soedade, Soidade, soledade*) como o “finíssimo sentimento e pena de um bem ausente, com desejo de o lograr” (BLUTEAU, 1712/1728: 512). Seja o anseio do retorno ao seu lugar de origem e identificação, à sua casa, ou à dita civilização, como as designavam os colonizadores, diante de um espaço socialmente frágil e instável que lhes fazia nascer o desejo de retorno aos lugares habitados, ao convívio familiar e à proteção da comunidade (o que certamente também era válido para os negros escravos ou aquilombados, ou ainda para os nativos destituídos de seus territórios originais, aldeados ou fugidos). Mesmo hoje, quem passa pelo lugar, além do receio de enfrentar a estrada perigosa e traiçoeira entre morros, curvas e ribanceiras, não raro experimenta aquela saudade caminhoneira forjada na situação

⁶ Georg Simmel observou em sua filosofia do dinheiro o que para os franceses seria o *mal du pays*: “Quem não sabe viver a não ser em contato direto com a natureza pode decerto fruir subjetivamente seus encantos, mas falta-lhe a distância m relação a ela. Uma contemplação verdadeiramente estética só lhe é possível a partir dessa distância e através dela se origina, além disso, aquela tristeza, aquele sentimento de ser nostalgicamente estranho e de um paraíso perdido que caracterizam o sentimento romântico da natureza” (SIMMEL, 1986: 666-667).

de transeunte esperançoso de chegar a seu destino, ansioso pelo retorno. Que sente que está em terras alheias, ou terra de ninguém, definitivamente fora do seu lugar.

Mas como alerta o referido dicionário português, o termo saudade não se refere necessariamente a “um bem perdido, porque também há saudade de bens ainda não possuídos, nem perdidos, mas esperados” (BLUTEAU, 1712/1728: 512). E de quantas saudades não poderíamos falar, evocando a lembrança de tantos bens esperados deste espaço como, por exemplo, as riquezas minerais inspiradas pela notícia do Diamante do Abaeté⁷, as recompensas em terras ou negros recapturados que mobilizavam os seguidores de Pamplona ou de Inácio de Oliveira Campos. Quem sabe mesmo o desejo atual de alcançar com segurança a próxima parada, um futuro promissor que parece estar reservado àqueles que numa mistura de sentimentos tomam consciência de sua miséria e encorajam-se com seus recursos, procurando fazer a vida em outros espaços. E, assim, poderíamos encontrar o cheiro novo de velha saudade, em frases como a que Dário de Almeida Magalhães dirigiu ao jovem Gustavo Capanema, da cidade de Pitangui de 1928:

Meta o pé nessa Pitangui de Comadres e de Isauras e venha fazer um concurso na faculdade, e sobre a tua cabeça cairá a coroa das maiores consagrações. Largue Minas se preciso for, Minas pequeninha e miserável, que não aproveita os seus valores. (...) é preciso é que você encontre o destino iluminado que o espera. E procurá-lo com afinco e sem temor, que ele está aí na sua frente. E mande o resto plantar batatas (CARTA, 1928).

Seja como o sentimento mobilizador do jovem Capanema que se foi para a cidade grande em busca de reconhecimento, sentindo saudade de algo ainda não possuído, mas esperado, ou com sentimento resultante da própria partida e já o desejo de retorno, como ocorre com muitos que foram atrás de uma saudade e acabaram topando com outra, em sentimentos tão humanamente misturados. O termo parece adequado para designar o sentimento do forasteiro, o viajante ou mesmo o exilado “em sua própria terra”, que não necessariamente se identifica a este espaço ou que, para enunciá-lo, necessita posicionar-se como sujeito-enunciador distanciando-se dele física ou simbolicamente.

Entretanto o termo também se refere a sentimentos experimentados por aqueles que enunciaram suas impressões de uma perspectiva interior, numa postura de identificação – nem sempre positiva – ao oeste de Minas, mas reconhecendo-se, bem ou mal, como estabelecidos de

⁷ Para uma idéia da excitação que a notícia do diamante do Abaeté teria causado cf. (DENIS, 1837: 347).

forma instável e dolorosa neste espaço: como os párocos, os fazendeiros brancos e mestiços, encontrados por Pamplona no século XVIII que externavam suas mágoas em versos “pobres, malfeitos, destituídos de maiores preocupações estéticas e acusadores de um gosto duvidoso” – na avaliação de Laura de Mello e Souza (SOUZA, 1999: 122) –, dando notícia de suas “soledades tiranas” (NOTÍCIA, 1988: 55) e “ocultas solidões” (NOTÍCIA, 1988: 87), experimentadas não apenas porque eram “moradores de grandes distâncias”, mas porque sentiam aquilo que Guimarães Rosa, muitas veredas adiante, definiu como “tristezinha de pouco povo” (ROSA, 2001: 185).

Esta sensação atualizou-se no tempo, ultrapassando o século XVIII, fazendo-se presente nas diversas representações desse espaço. A expressão sonora dessa “paixão suave” pôde muitas vezes ser percebida no “mavioso e saudoso tom” (COUTO, 1904: 108) do canto de um sabiá, como aquele que inspirou palavras poéticas de Vieira do Couto. Ou ainda, percebida no “melancólico e atordoante chiar dos carros de bois cujos nomes os mais originaes, [os carreiros] repetem, com uma entonação particular” (COELHO apud, SILVA NETO, 1984: 174), compondo a melodia que embalou as inspiradas descrições de Dom Manoel Nunes Coelho. Sonoro ruído que engasta a multidão que hoje frequenta as festas “folclóricas” em homenagens aos carreiros, ternas atrações das festas e desfiles de carros de bois, organizados na região⁸. Sensação experimentada no bucolismo das pequenas cidades como a Pitangui dos anos de 1845, “Villa medíocre da província de Minas-Geraes” (SAINT-ADOLPHE, 1845: 330) ou “numa cidadezinha como Dores do Indaiá” (BARBOSA, 1964: 153) de 1920.

A juventude privilegiada do oeste de Minas Gerais, do início do século XX, depois de experimentar o limitado cosmopolitismo de Belo Horizonte, sente-se peixe fora d’água, reconhecendo-se “mau mineiro, que morre de vontade de morar no Rio, frustrado por estar longe do mar” (MOURA, 1964), julgava que estes lugares fossem constituídos em pequenas comunas politiquerias, tristes, tranqüilas e banalizadas, onde “nada de importante acontecia (...)” (BARBOSA, 1964: 153).

⁸ Como, por exemplo, a “A Festa do Carreiro de Cacimbas que procura resgatar as tradições culturais e um pouco da história do município (...) com um emocionante desfile de carros de boi [que] viajam vários dias até chegarem à Fazenda Congonhas, onde passam a noite. No dia seguinte os carreiros seguem pelas estradas da região até chegarem ao povoado de Cacimbas, para o ápice do desfile em frente à E. M. Duque de Caxias, onde acontece a cerimônia de abertura oficial da festa e apresentação dos carros de boi. Depois do desfile há apresentações culturais e show na quadra da Escola”. (MORADA NOVA DE MINAS, 2010).

Espaços percebidos como um “veneno doloroso no tédio de sua chatice e vulgaridade”: espaço doloroso, dores que nos fazem experimentar a vida – As Dores do Indaiá do jovem Emílio Moura que, ao retornar à sua cidade natal, depois de uma temporada de estudos na capital mineira, sente-se inebriado por “doidas saudades de todos e de Belo Horizonte” (CARTA, 1924), no transbordamento⁹ da ingenuidade do início de seu Itinerário Poético¹⁰. Ou mesmo hoje, saudade dolorida vivenciada em todos os seus sentidos pela juventude que se despede dos municípios do oeste de Minas em busca de outras oportunidades para além dos ares desse espaço, sentindo-o sufocante, pela “vida sofrida” que limita seus anseios atualizados na “esperança de que fora daqui tem uma vida diferente” (SOUSA, 2009). Cidades que experimentam decréscimo de população ou estagnação cuja condição não se restringe à pequenina Serra da Saudade ou às Dores do Indaiá “plantada no oeste calado e curto nos modos, mas fazendeiro e político, abastado nas habilidades” (ROSA, 1974), mas é situação comum a tantos outros municípios da região¹¹.

A saudade é evocada como sentimento comum àqueles que ficaram ou àqueles que partiram em busca de recursos, meios e reconhecimento, experimentando o distanciamento físico ou simbólico desse lugar e na consecutiva expectativa do retorno ao torrão natal como perigo iminente, (re)conquista de um bem ausente ou ainda uma re-ligação necessária:

Morando em São Paulo há trinta anos, estou sempre pensando no dia em que poderei voltar pra Minas. E o tempo passando... Muitas pessoas já me perguntaram por que há tantos mineiros longe de sua terra, já que gostam tanto de lá. Pergunta fácil de responder (...). Nasci em Minas Gerais, numa cidade pequena da região centro-oeste, cercada por várias pequenas cidades. Sem perspectiva de trabalho, sem ter como continuar os estudos... como tantos outros que lá ainda estão, sonhando com possibilidades. Minas é poesia, a vida não. (PEDROSO, 2010).

Esse sentimento é compartilhado em diferentes intensidades e em diversos sentidos tanto por aqueles que se identificam como herdeiro dos projetos de quem veio para a região

⁹ Título de um dos poemas de *Ingenuidade*, a primeira obra publicada pelo autor, em 1931.

¹⁰ Título da coletânea organizada pelo autor, em 1969, acrescida de novos livros inéditos, considerado pelo próprio Emílio Moura como sua obra definitiva. (MOURA, 2002).

¹¹ O município de Dores do Indaiá, de 1996 até 2007, por exemplo, sofreu decréscimo de 4,2% no número absoluto de habitantes. A observação da estrutura populacional das cidades do oeste de Minas possibilita apreender o fenômeno. Ainda que a população absoluta não esteja regredindo em todas essas cidades, em Abaeté, Bom Despacho, Dores do Indaiá, Quartel Geral, por exemplo, a população de 20 a 29 anos é bem menor do que os precedentes e posteriores. É o momento em que grande parte dos jovens conclui a educação básica e migra para tentar oportunidades de estudo e emprego nos centros urbanos mais desenvolvidos. Quando declaram que estão “indo embora”. (IBGE, 2008).

com a esperança de civilização, desenvolvimento ou crescimento econômico como também nostalgia daqueles que, pelo processo mesmo de instituição desses projetos, viram suas práticas e costumes ultrapassados e/ou perdidos em (im)possibilidades políticas, sociais e históricas.

Seria difícil compreender certas práticas de memória atuais sem levar em conta o papel mobilizador desse sentimento ambivalente e profundo: como entender, por exemplo, o sucesso das festas e desfiles de carros de bois tão populares na região, quando se reúnem até 80 carros com mais de 700 bois, 160 boiadeiros vencendo grandes distâncias e todo o esforço que as traíás requerem, sem nenhuma outra motivação aparente que não experimentar de novo aquelas sensações de saudosismo evocadas pelo canto dos carros - lembrança de um meio de transporte tão rudimentar e dificultoso?¹² Como compreender o desejo de retorno de quem saiu em busca de uma vida melhor, sabendo-se marcado pelo profundo desgosto outrora experimentado “numa inquietação terrível” (CARTA, 1924)? Como entender as relações com um espaço cujas características atraem e repulsam ao mesmo tempo, senão assumindo a atitude de Emílio Moura que mesmo julgando-se um mau mineiro que se “afeiçoa facilmente a qualquer lugar” (MOURA, apud MORAIS, 1964: 6c) não se cansou de questionar: “Por quê? Desejo de fugir para uma região impossível que não existe, onde a paisagem fosse tão triste que nos desse vontade de não viver mais”. (MOURA, 2002: 152)?

Nos dizeres de Ana Cláudia Vargas, a “paisagem do centro-oeste mineiro: [seria composta por] cidades perdidas numa imensidão de montanhas e saudades...” (VARGAS, 2006). “Paisagem que inspira e terreno que castiga”, conforme enunciava Dom Manoel (apud SILVA NETO, 1984: 182).

Espaço representado como lugar não só de saudades, mas também de dores. Este último sentimento fixado em topônimos como Dores do Indaiá e Dores do Marmelada (uma das antigas denominações do atual município de Abaeté¹³). Nomes que denunciam certa

¹² É um levantamento que ainda está por ser realizado sobre a quantidade de festas e desfiles de carros de bois, reunindo “carreiros e candeeiros” de toda região. “Quem se lembra daquela época em que toda a produção do campo era transportada pelos carros de boi? [se] A festa começou de brincadeira, com oito carreiros e oito candeeiros em 2005, na comunidade de Potreiros e São Simão [Município de Abaeté] reuniu este ano [2009] 42 carros de boi de Abaeté, Morada Nova, Paineiras, Dores do Indaiá, Quartel Geral, Martinho Campos, Pompéu e Bom Despacho. (...) A turma se prepara agora para participar das festas em Santa Maria, Cacimbas, Dores, Pompéu e Martinho Campos”. (NOSSO JORNAL, 2009). Para um histórico da festa de Cacimbas, MG, que já tem mais de dez anos, consultar (DIAS, 2009).

¹³ Conforme escreveu José Alves de Oliveira, “a lei de 1870 que elevou o arraial [de Nossa Senhora do Patrocínio do Marmelada] a vila, chamou-lhe Dores do Marmelada. Essa palavra Dores, provavelmente aí se introduziu como um

inspiração religiosa na relação com o espaço, em Nossa Senhora das Dores, titulação católica disseminada no século XVIII. Por um lado sugerem que permanecer neste espaço nos faz experimentar a sensação de estar num calvário, onde depois de um caminho de sofrimentos poder-se-ia encontrar a salvação. Esta poderia ser tanto a concretização das promessas da riqueza do diamante do Abaeté, ou da abundância do solo feito jardim. Ou ainda da conquista de projetos como aqueles de Capanema em sua Pitangui dos anos 1920. Se o lugar parece ser um “meio inferior” a ele mesmo, é importante, no entanto, porque representa sua base política exigindo-lhe atitude heróica de quem está num meio que lhe nega reconhecimento e cerceia-lhe as possibilidades.

Assim, não nos parece nada contraditório que os descendentes dos primeiros colonizadores que procuraram neste espaço lugar para a construção de uma vida melhor sejam os primeiros a ver a saída desse território como um exílio necessário para um (re)encontro com um destino iluminado. Por isso mesmo a realidade atual é representada, não raro, como “um lugar no qual os jovens [não] queiram e possam permanecer” (VARGAS, 2008). Realidade de Dores que parecem insuportáveis, mas um sentimento pelo qual se experimenta a vida e se constrói o senso de lugar, toma-se consciência do espaço¹⁴, de presença e pertença.

As relações sociais, econômicas, culturais e políticas conformadoras ou desalentadoras que se instituíram neste espaço suscitaram sentimentos ambivalentes entre a inspiração poética, daqueles que viram promessas de riqueza material, experimentando uma ligação espiritual com o espaço, até mesmo os desejos de rompimento definitivo com os laços sociais nele constituídos ao longo dos três últimos séculos.

É que, como escreveu Guimarães Rosa, “o ar dos gerais, o senhor sabe”¹⁵: às vezes brisa leve que percorre os campos desse espaço geográfico, refrescando os verões quentes; às vezes vento forte, rodopiando ao que é mês de agosto, redemoinho de poeira e folha seca produzida nos meses de estiagem prolongada. Às vezes, torna-se ar abafado e úmido, como os ares da política, até difícil de respirar (NORONHA, 2012: 151-173). Esse ar

cordão umbilical, a ligar-nos a Dores do Indaiá, que fora, até então, a sede do município. Finalmente, a lei de 1877, que graduou o lugar em cidade, mudou o nome para Abaeté”. (OLIVEIRA, 1970: 112).

¹⁴ Ainda que Kant considere que a noção de espaço seja uma forma a priori, e nesse sentido seria impróprio tomar consciência daquilo que está a priori na consciência, possibilitando a percepção, por ora, enfatizemos apenas esse sentimento como um conteúdo sensível da percepção do espaço, no limite, de todo processo de regionalização.

¹⁵ ROSA, J. G. Grande Sertão: veredas. op. cit. p. 205.

que tem respirado e inspirado os viajantes, visitantes, forasteiros, moradores e emigrantes em diferentes momentos, espaço feito lugar de inspiração, não apenas no sentido biológico do termo, mas também num sentido teológico, como se “os deuses” que o habitam soprassem poemas tão díspares entre o encantamento de uma terra mítica (e mística) e não raro de atmosfera pesada a tornar difícil a respiração: angustiante e sufocante.

Às vezes, esta atmosfera inspira o desejo de uma vida diferente que por alguma razão parece ser possível apenas em outro lugar, denunciando que a percepção atual, na enunciação do oeste de Minas Gerais, é de que este espaço possibilita apenas experiências corriqueiras, repetitivas e, por isso, tediosas e dolorosas. Situação que inspira cuidados, conselhos, auxílios, viagens, êxodos, exílios. Uns vivem-na como verdadeira experiência religiosa - de sair em busca de algo que não se sabe exatamente o que seja, mas guiando-se por um sentimento de reconciliação, re-ligação, seja no ato mesmo de sair-se em busca “de uma vida diferente”, ou de um reencontro quase místico com suas legitimadas heranças culturais e étnicas, históricas e ideológicas¹⁶. Vontade do retorno às raízes ou a necessidade de manutenção dos laços afetivos, como numa verdadeira religião [*religare*], afastando-se fisicamente, mas conservando-a na lembrança, como saudade, fidelidade ao seu torrão natal, como se sua terra pudesse ser “vista melhor à distância”¹⁷.

Nesse movimento ou neste desejo de “afastar-se de um lugar para ir se meter em outro” – um dos sentidos do termo apostasia (BLUTEAU, 1712/1728: 436), atualizado em várias gerações, e que esteve no âmago daqueles que primeiros vieram para este espaço: seja forçado ou por vontade própria, no processo de distanciamento há sempre o perigo iminente de se cortar os laços definitivamente. O perigo da apostasia foi combatido incansavelmente com a fundação de capelas, com promessas de terços, novenas e oferendas. Com a execução chorosa das modinhas de saudade dos brancos cantadas a duas vozes, acompanhadas da viola caipira, com a dança e o gingado dos negros e os segredos indígenas. Quase sempre, a vontade de sair e as dores são experimentadas com o fervor religioso de quem acompanha o calvário de outrem

¹⁶ Sob o discurso defensor da prática urgente de “cultivar nossas raízes e aceitar esta verdade histórica e procurar nossas ligações com os nossos ascendentes, nossos avoengos, como falam os portugueses. Enfim, utilizar a Genealogia para esta difícil tarefa, pesquisar em fontes primárias e em documentos úteis, a fim de se chegar aos líderes maiores que deram origem às comunidades e construíram a grandeza deste país continental”. (NOGUEIRA, 2010: 2).

¹⁷ No caso dos políticos saindo de Minas que, com escreveu “Humberto Werneck, “se vê melhor à distância”, mas não seus escritores, como Emílio Moura que não seguiu a corrente de escritores mineiros que seguiam os políticos para o Rio. (WERNECK, 1992: 186).

em sua própria caminhada de provações: o êxodo vem acompanhado do desejo declarado do retorno, enunciado em alto e bom som, sempre que possível, como se fosse defesa necessária contra a acusação de apostasia. Acusação jamais explicitamente declarada, mas externada em pensamentos, ações e omissões, e uma desconfiança angustiante de que nos ronde o perigo de se renegar o passado, a origem, o nosso lugar e ainda, ao retornar, conceber o regresso como regressão¹⁸.

E assim, nas idas e voltas, convivem entre nós, sujeitos identificados ao oeste de Minas Gerais representações e sensações de descrença e de esperança no futuro da região. Esta última – a esperança – alimentada pelo planejamento do retorno ou na busca de soluções inspiradas na “vontade de mudança” e na consciência de que “as cidades do oeste de Minas precisam renascer, respirar novos ares” (VARGAS, 2009), convivendo com o perigo iminente da desistência do problema e do abandono da responsabilidade, seja pelo êxodo definitivo, da perda irreconciliável “das raízes”, do esquecimento do dialeto¹⁹, do desencajamento do mundo, como nos sugerem algumas as interpretações idealistas da crítica à poesia de Emílio Moura.

Francisco Iglésias, por exemplo, considerou a poesia de Emílio Moura como pertencente à esfera do impossível, do incorpóreo, do ideal, além do que existe, transcendendo a contingência, com uma visão das formas que não contém o traço de uma visão comum, pois tudo aparece como símbolo de uma realidade mais perfeita. Nostalgia de algo perdido ou nunca encontrado. Portanto, ao caracterizar desta forma a poesia de Emílio Moura, Francisco Iglesias conclui que ela pertence a um “mundo ideal” (IGLÉSIAS, 1949), mas poderíamos muito bem considerar que as formas de representação do oeste de Minas operam no mesmo diapasão da poesia emiliana caracterizada por Iglésias, embora não saibamos se estejam inspirados pelas mesmas musas européias ou se destituídos de qualquer inspiração divina, como verdadeiros apóstatas.

Aqueles que experimentaram representar este espaço feito lugar que encanta a vista, como um paraíso que cerceia a inspiração, feito nuvem de pó em mês de agosto, não raro tomam-no como espaço renegado. Mesmo os mais fervorosos religiosos, como o primeiro bispo do Aterrado que, ao percorrerem os limites de seu bispado do Oeste de Minas, entre Ibiá e São

¹⁸ A frase famosa de João Etienne Filho que ao retornar a Belo Horizonte, em 1952, vindo de uma temporada de seis anos no Rio de Janeiro teria dito: “Estou regredindo a Minas”, lembra-nos que esse sentimento pode ser associado ao que se convencionou chamar de característica da mineiridade. (Cf. WERNECK, 1992:188).

¹⁹ Poderíamos citar o caso do dialeto da Tabatinga em Bom Despacho, práticas com a folia de reis e o congado.

Gotardo, observaram que não é difícil sonhar outras realidades tão (pouco) cotidianas quanto à poesia emiliana²⁰: “desta maneira, triunfalmente largamos o arrenegado²¹ paraíso, benzendo-o com mão, a canhota” (COELHO apud SILVA NETO, 1984, 182). Eis uma impressão geral de imagens bem conhecidas da gente, do oeste de Minas, e de seu sentimento em relação ao lugar.

REFERÊNCIAS:

- ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. 4. ed. Lisboa: Presença, 2000.
- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia* São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Emílio Moura: Palma severa. In: *Passeios na ilha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- BAPTISTA, Marcos Cristóvão. *Estratigrafia e evolução geológica da região de Lagoa Formosa (MG)*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. (dissertação de mestrado).
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dores do Indaiá do passado*. Belo Horizonte: s.ed. 1964.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.
- CARTA DE Dario de Magalhães a Gustavo Capanema. Pitangui, 03 set. 1928. Rio de Janeiro. CPDOC. Arquivo Gustavo Capanema. GC/Magalhaes.
- CARTA de Emilio Moura a Gustavo Capanema. Dores do Indaiá. 11 nov. 1924. Arquivo Gustavo Capanema. Rio de Janeiro. CPDOC. GC/Moura.
- COELHO, Manoel Nunes. Visita pastoral de 1924. In: SILVA NETO, Dom. Belchior Joaquim da. *O pastor de Luz: a terra, o homem, a pastoral*. Belo Horizonte: Littera Maciel, 1984.
- CORREIA, Carlos Cunha. *Serra da saudade*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1948.
- COUTO, José Vieira do. Memória sobre as minas da capitania de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, Ano X, faz. I e II, 1904.
- DENIS, Ferdinand. Brésil. In: L'UNIVERS. *Histoire et description de tout les peuples: des leurs, religions, moeurs, coutumes, etc.* Paris : Firmim Dioto Frères, 1837.
- DORES-JORNAL. Orgam dos interesses do Município e da Zona Oeste de Minas. Dores do Indaiá, 1 de nov. 1930. p.2.
- FIÚZA, Ricardo Malheiros. Uma viagem de trem na década de 40. *O liberal*. Dores do Indaiá, 25 ago. 1973.
- GLEIZER, M. A. *Espinoza e a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GUIMARÃES, Bernardo. *Folhas de outono*. Rio de Janeiro: Garnier, 1883.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- IBGE. Evolução Populacional de Dores do Indaiá de 1991 a 2007. Infográfico disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>;

²⁰ “Ele não sabe de onde vem, nem para onde vai, e na mesma ignorância contempla os aspectos exteriores da realidade, tanto quanto os seus infra-aspectos”. (ANDRADE, 1975: 119).

²¹ Talvez não seja de todo desnecessário e impertinente registrar que fui criado numa região de sítios denominados fazendas “Renegadas”, banhadas pelo córrego da Extrema, hoje no município de Morada Nova de Minas.

- IBGE. Pirâmide etária. Infográfico disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>; Acesso em 29 de outubro de 2008.
- IGLÉSIAS, Francisco. O poeta Emílio Moura. *O Estado de São Paulo*, 27 out. 1949.
- MORADA NOVA DE MINAS. Hipertexto. Disponível em <http://www.circuitolagotresmarias.com.br/morada-nova-de-minas-78> acesso em 20 de janeiro de 2010.
- MOURA, Emílio Guimarães. Por quê? Canto da hora amarga. In: *Itinerário Poético: poemas reunidos*. 2ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p.52.
- MOURA, Emílio. Entrevista a Frederico Moraes. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 24 de maio de 1964.
- MOURA, Emílio. In: MORAIS, Frederico. Um poeta perplexo. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 24 maio 1964. Suplemento literário, p. 6c.
- MOURA, Emílio. *Itinerário poético*. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- NOGUEIRA, Guaracy de Castro. *Genealogias Mineiras*. Itáúna: Instituto Maria de Castro Nogueira, 2010.
- NORONHA, Gilberto Cezar de. Das relações de poder no oeste de Minas Gerais. *Opsis*, v. 12, p. 151-173, 2012.
- NOSSO JORNAL. Abaeté, 08 de maio de 2009. Para um histórico da festa de Cacimbas, MG, que já tem mais de dez anos, consultar DIAS, Adelaide Santos. *A saga do nosso povo*. Morada Nova de Minas: Ed. autor, 2009.
- NOTÍCIA diária e individual das marchas [,] e acontecimentos ma(i)s condigno(s) da jornada que fez o Senhor Mestre de Campo, Regente[,] e Guarda(-)mor Inácio Corre(i)a Pamplona, desde que saiu de sua casa[,] e fazenda do Capote às conquistas do Sertão, até se tornar a recolher à mesma sua dita fazenda do Capote, etc.etc.etc. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 108, 1988.
- OLIVEIRA, José Alves de. *História de Abaeté*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1970.
- PEDROSO, Ana Maria. Comentário ao artigo de VARGAS, Ana Cláudia. *Estado de Minas*. Um diário aquém da grandeza das Gerais. Observatório da Imprensa. Hipertexto. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=562IMQ004> Acesso em 27 de fevereiro de 2010.
- ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, Guimarães. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 mar. 1974.
- SAINT-ADOLPHE, J. G. R. Milliet de. *Diccionario Geographico, histórico e descriptivo, do Império do Brazil*. Paris: J.P Aillaud, 1845. p.330.
- SCHAFTESBURY, Anthony A. Cooper. *Characteristicks of men, manners, times*. Oxford. Clarendon Press, 1999.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*. São Paulo: UNESP, 2005.
- SILVA, José Joaquim da. *Tratado de Geografia Descritiva Especial da Provincia de Minas Gerais. 1877*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1997.
- SILVEIRA, Paulo Fernando. *O morro das sete voltas: guerrilha na Serra da Saudade*. Curitiba: Juruá, 2008.
- SIMMEL, Georg. *Philosophie de l'argent*. Paris: Puf, 1986.
- SOUSA, Pedro Henrique de. Abaeté. 20 de novembro de 2009. Entrevista.
- SOUZA, Laura de Melo e. *Norma e Conflito*. Aspectos da história de Minas no século XVIII. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 122.

- SPINOZA, B. *Ética; demonstrada à maneira dos geômetras*. São Paulo: Afiliada, 2003.
- VARGAS, Ana Cláudia. *Em defesa do centro-oeste mineiro*. Hipertexto. Disponível em <http://www.acidi.com.br/modules/news/article.php?storyid=259>. Acesso em 18 de out. 2008.
- VARGAS, Ana Cláudia. O que houve com nossas cidades? *Cidades Vivas*. Hipertexto. 24 de agosto de 2006. Disponível em <http://cidadesvivas.blogspot.com/> Acesso em 18 mai. 2009.
- WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada. Jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.